Sua Exc.ª, junto com dois amigos, pára no Rocio, aluga um automóvel, passeia à sua vontade por Lisboa, a certa altura manda rodar para o seu escritório, e quando o *chauffeur* lhe pede 2$50 pelo trabalho, sua Exc.ª carrega o sobrolho, dá ao rosto uma expressão pacòviamente solene, torna-se iracundo, autoritário, e em seguida principia a recalcitrar: —Isso é um roubo, uma exploração. Não pago mais que 1$00. Um senador, um homem de leis como eu sou não se deixa comer assim fàcilmente. Não pago mais que 1$00.

O *chauffeur*, que não esperava aquele destempêro de Sua Exc.ª, explica pacientemente ser êsse o preço da tabela, o preço estipulado pela lei. E solícito, apasiguador busca no automóvel a tabela e apresenta-a a sua Exc.ª como a confirmar as suas asserções. O *Pêgo*, porém, irritado por se vêr contrariado e desobedecido por um badameco, furioso, epiléptico, os olhos a relampejar cóleras e o corpo a reclamar pau e corda, barafusta colérico e, num supremo lance de desprêso, duma assentada *heróica*, com a bengala que trazia quebra a tabela que o *chauffeur* lhe mostrava, ferindo-o nos dedos. Resultado? Este faz menção de o deslombar, e do grupo de gente que se juntou a disfrutar aquele escândalozinho, um senhor qualquer, dando-se ares de guarda-costas barato, envia uma *ameixa* ao acaso, que vai ferir exactamente o tal repórter do «Diário de Notícias».

Mas o pior de tudo não foi a malvadês do senador, a disputa na rua, o *chauffeur* desembolsado e o repórter ferido. O pior, o mais grave, foi a tabela partida ou seja a lei desrespeitada por sua Exc.ª, o Snr. António Macieira. Que fôssemos nós os desrespeitadores, vá lá. Mas que fôsse precisamente o Snr. Macieira quem tal fizesse... é significativo...

Significativo porque nos demonstra que sempre que o interesse pessoal ou mesmo colectivo, ou ainda o orgulho de qualquer *senhor* estejam em contraposição com a lei, esta não só serão esfarrapada como ainda maltratadas será as vítimas prováveis de tais *arbitrariedades*...

Que de resto tudo o mais é assim.

Por isso lá diz o outro: «a lei é uma prostituta».

E como tôdas as prostitutas teem o seu amázio — que lhes batem e que as comem, o Snr. Macieira e quejandos são os amázios da lei, porque a espancam e ainda por cima lhes comem os ganhos.

Está dentro da lógica e da razão dos factos.

J. SALGADO.

ANTES DA GUERRA

Antimilitarismo e revolução

CHARLES ALBERT RESPONDE A KRAPÓTKINE

III

APRECIAR-SE-IA mal o antimilitarismo dos operários francêses, se nele se visse uma simples explosão de revolta contra o imposto de sangue e se se atribuísse aos que se esforçam por propagar e organizar a recusa de servir uma simples mentalidade de refractários.

Coloquemos de novo êsse movimento no conjunto das manifestações revolucionárias, interpretemo-lo do ponto de vista socialista e vê-lo hemos tomar tôda a sua verdadeira significação, tôda a sua vastidão.

Entre êste operário, macilento e mal vestido, que sái da fabrica para o seu covil nos subúrbios, e aquele patrão que um reluzente automóvel leva para o seu luxuoso palácio, ¿que há de comum no seio da nossa democracia? Nada ou quase nada. Nem sequer a lei igual para todos, pois essa famosa igualdade, nove vezes em dez, não se aplica. Por motivo da sua desigualdade social, patrão e operário, rico e pobre não teem amiude que se avir com as mesmas leis. Cada uma das duas classes tem as suas páginas próprias no Código, do mesmo modo que os seus costumes, comidas, trajes e até doenças especiais.

Isto, começa tôda a gente a admiti-lo, a dizê-lo. Mas quase tôda a gente continua a pensar que êsses dois homens, patrão e operário, são ainda assim e devem continuar a ser estreitamente solidários. Porquê? Porque são ambos franceses, porque estão ambos inscritos nos registos da mesma nação.

Hoje que a religião já não existe como laço social, em França sobretudo, tornou-se o sentimento nacional o único liame a invocar ainda entre aqueles que as realidades cotidianas dividem em classes inimigas.

Natural era que todos os interessados, como sempre ajudados pelos inconscientes, trabalhassem para fortalecer êsse liame facticio. Não deixaram de o fazer. O patriotismo, ou mais exactamente o nacionalismo—a palavra soa menos bem, mas é mais rigorosa — tornou-se para a nossa democracia uma razão última, uma verdadeira religião, o que não se toca nem se explica. Ao menor rebate, tôdas as fôrças democráticas, isto é, no fim de contas tôdas as fôrças burguesas, pois não pode haver verdadeira democracia socialista, dando à palavra democracia o seu sentido histórico — tôdas as fôrças burguesas, digo, formam bloco nesse ponto.

Não vimos nós o caso Hervé desclassificar num instante os partidos, tais como os havia classificado a questão Dreyfus? Os que, durante esta última, tinham combatido os chamados nacionalistas porque *o verdadeiro nacionalismo* não estava ainda em perigo, porque se tratava de depurar o exército em vez de o destruir, ¿êsses não são hoje ferozes e autênticos nacionalistas? Sim, todos nacionalistas, eis o que a recente agitação antimilitarista veio demonstrar. Todos, desde o pequeno-socialista Jaurès até ao neo-monarquista Maurras, passando pelo liberal e radical Clemenceau!

E todos nacionalistas, no fim de contas, porque todos estão mais ou menos satisfeitos com a ordem actual, desejando os mais revolucionários enfeitá-la apenas com algumas reformas. Todos nacionalistas, porque são todos pela paz social, e a paz social repoisa hoje sôbre o culto da Nação, nem poderia já assentar sôbre outra coisa.

CHARLES ALBERT.

AS GARANTIAS DE AMANHÃ

A associação dos Estados

OS discursos mais eloquentes sôbre o direito das nacionalidades, as combinações mais hábeis e as mais equitativas delimitações de fronteiras com o escopo de restabelecer êsse direito em tôda a sua integridade, não evitarão que, se persistir o sistema de concorrência e antagonismo de interesses entre Estados, a Europa continue ameaçada de novas conflagrações, provocadas pelo embate dêsses interesses.

E', pois, aí que se deve aplicar o remédio, se se pretende garantir a segurança de amanhã. Ao sistema de antagónica concorrência deve suceder um regime de colaboração, de associação dos diversos Estados europeus. A's barreiras alfandegárias que especializam e classificam, contra o interesse geral, os interesses dos diferentes países, pode substituir-se um acôrdo geral económico que solidarize numa só união os diversos interesses nacionais europeus, graças ao livre câmbio, à internacionalização dos portos e à liberdade dos mares.

Não ficarão suprimidas, claro está, as oposições de interesses. Mas os conflitos que porventura sobrevenham serão até ao fim conflitos entre particulares; ter-se há eliminado essa *solidarização* dum povo inteiro com os interesses particulares de alguns especuladores ou traficantes, solidarização da qual sairam tantas guerras desastrosas para todos.

Isso nada tem de revolucionário. Os governantes da Europa podem — se é sincero o seu desejo, muitas vezes manifestado, de garantir um futuro de paz—realizar um acôrdo assim sem abalarem coisa alguma o regime capitalista que lhes é tam querido. Podem fazê-lo quando quiserem; êsse meio de garantir a paz futura será menos quimérico e menos ruinoso em vidas e bens do que a busca respectiva dum esmagamento problemático de um adversário dotado duma fôrça de resistência sensìvelmente igual.

ANDRÉ GIRARD.

NOTA DA REDACÇÃO:

Propositadamente quisemos publicar àparte esta conclusão do escrito de André Girard, de que inserimos as duas primeiras partes em nossos números 14 e 16 — porque esta conclusão nos parece bastante inesperada e ilógica.

Este meio de garantir a paz futura afigura-se-nos gravemente atingido pela crítica de Girard aos outros remédios democráticos e estatais. Se subsistem as oposições de interesses, se o regime capitalista e estatal permanece tal qual, como esperar que desapareça a guerra, parte da natureza íntima dêsse regime?

Mesmo no caso de se constituir uma união completa dos Estados europeus, como os Estados Unidos, não estaria de todo afastado o perigo da guerra — como a da secessão na América do Norte, o perigo das lutas por interesses regionais ou oligárquicos, o grande perigo das conflagrações intercontinentais, por motivos imperialistas.

¿Mas é possível, afinal, êsse desiderato sem uma tremenda revolução, porventura tam custosa como a social? As prepotentes oligarquias que dominam os Estados, os poderosos interesses ligados aos armamentos, conflitos e rivalidades — não se deixarão fàcilmente despojar e vencer, ainda que seja em proveito de outras oligarquias e interesses burgue-

ses, ainda que seja no interesse superior da conservação do regime... Revoluções há que, sendo apenas para mudar de mãos o poder económico ou só político sem vantagem alguma para o povo, custam mais esforços e sangue do que alterações mais profundas — e no fim é preciso recomeçar tudo...

Os fabricantes de fantasias «práticas» de gabinete, afim de tornar as ideas mais aceitáveis para os conservadores ou para as opiniões médias, costumam servir-nos bonitos pastelões de utopias democráticas ou soluções transitórias, todos catitas e bem arranjadinhos. Quem os vê, julga-os muito práticos e razoáveis, e os seus cozinheiros teem-se na conta de pessoas realistas e cheias de bom senso. Afinal, a realidade dá cabo dos pastelões, e os «realistas» descobrem com espanto que, transigindo e cerceando, não fizeram mais do que deixar-se vencer de antemão, prolongar o sofrimento e tornar urgentes novas revoluções.

Se temos do problema social uma solução que julgamos justa e completa, batamo-nos por ela, tanto durante o período preparatório de fôrças, vontades e consciências, como durante a época revolucionária e o período decisivo que ela iniciar. Em todos os movimentos populares independentes, entremos de bandeira alçada, propondo todo o nosso programa: para o reduzir, bastam as resistências do ambiente, a rotina, os reformistas e os conservadores. Para que a resultante de cada acção colectiva seja o mais possível na direcção que desejamos imprimir-lhe, temos que puxar nesse sentido com tôdas as nossas fôrças. Se nós próprios puxamos numa direcção mais «prática», a resultante será ainda mais afastada da nossa. E' o que dizia Estévanez, num «trecho escolhido» aqui transcrito.

Girard disse pouco mais ou menos isto, inda há pouco, a respeito duma fantasia «prática» de Charles Albert; repetiu-o na primeira parte do presente escrito, criticando as utopias democráticas postas em voga pela guerra. Agora neste fecho acima, quis apenas mostrar aos burgueses, por desfastio, pois a censura não deixa falar à vontade, o que êles poderiam fazer, se tivessem juízo... Pois sim!...

— NA BARRICADA —

Semanário anarquista do Brazil — Preço $02 (20 reis). A' venda na redacção de "A Aurora". Em Lisboa na Tabacaria Ideal, rua dos Correeiros 21.

DOCUMENTOS

CARTA ABERTA DA SOCIAL-DEMOCRACIA LÉTICA À SOCIAL-DEMOCRACIA ALEMÃ

A Curlândia está invadida pelas tropas alemãs; diante das portas de Riga, troam os canhões e talvez dentro de poucas semanas estejam as Províncias Bálticas em poder dos exércitos tudescos. Com a vitória das mortíferas bátarias germânicas, elevam-se, nos meios dirigentes do império alemão, vozes que, jogando com a frase hipócrita da «libertação» do jugo russo, reclamam a *anexação* daquelas províncias no interesse do imperialismo teutónico.

Infelizmente, o conto da «libertação» por obra e graça ds Hindenburgo é de boa mente escutado por aqueles sociais-democratas alemães que não esperam obter a liberdade e a democracia pela vontade das massas proletárias e pela luta dessas massas, mas pela vitória da fôrça militar e pela perspicácia das classes dirigentes. E' o que nos obriga a fazer a declaração seguinte:

A população lética da Curlândia e da Livónia não quer ouvir falar duma «libertação» por meio do poderio guerreiro alemão. As massas populares léticas não sentem ódio algum contra o povo alemão, mas temem com razão que uma anexação por parte da Alemanha reforce de novo o domínio abalado dos fidalgos alemães, proprietários das nossas terras. As Províncias Bálticas estão económica e políticamente ligadas à Rússia e uma anexação vibraria golpes violentos a tôda a vida económica do país.

Mas antes de tudo: o proletariado lético consciente, lutando há dezenas de anos já ao lado do proletariado revolucionário russo, está firmemente convencido da vitória inevitável da *revolução russa e é sòmente de tal vitória que êle espera a sua liberdade*, mas nunca da vitória dos canhões, zepelins e submarinos alemães — como não a espera, aliás, dos engenhos russos.

No ano de revolução de 1905, o grande fim do proletariado combatente era na Rússia a *República democrática*. No número das reivindicações revolucionárias, visando à democratização de todo o império russo, figurava também a autonomia das diversas populações da Rússia. A social-democracia lética, apoiando-se na vontade unânime das massas populares, proclamou para as Províncias Bálticas: Abolição da dominação exercida pelos senhores terratenentes e *autonomia* sôbre as mais largas bases [illegible] com a condição de permanecerem as Províncias Bálticas na comunhão do império russo e de continuar o proletariado lético, mesmo depois da queda do tsarismo, a lutar ao lado do proletariado russo, para atingir os nossos fins democráticos e socialistas. E' nesse ponto de vista que de novo se coloca hoje o nosso Partido.

E' preciso ter em linha de conta ainda outra coisa. O resultado da guerra é obscuro, ainda é incerto é como há de ficar a carta da Europa após a conclusão da paz. Se, porém, as coisas se combinassem de modo a caberem as Províncias Bálticas em partilha ao império alemão, seria assim violado o direito de autonomia do nosso povo, pois — mais uma vez insistimos nisso — o povo lético não quer ouvir falar duma anexação à Alemanha.

Entretanto, nós, os letões social-democráticos, de modo nenhum colocamos os nossos interesses locais acima dos interesses gerais do proletariado europeu; sabemo-nos livres de qualquer nacionalismo e continuariamos a lutar sem interrupção pelos nossos fins socialistas — tanto sob o domínio alemão, como sob o domínio russo.

QUE FARÇANTES!

Está ainda na memória de todos, principalmente na daqueles que muito ou pouco se interessam pelas chamadas questões sociais, o *grrrande* e *órrivel* atentado da Praia das Maçãs. Como se sabe, êsse atentado tinha por fim roubar a vida a S. M. o snr. D. Afonso VII, perdão, dr. Afonso Costa, e segundo o referiram os orgãos democráticos de então, era obra dos «malvados», sindicalistas de mãos dadas com os anarquistas, apostados em dar cabo do mais «genial» estadista dos tempos modernos.

Para nos certificarmos de tudo isto, basta lêr o que a propósito êsses rafeiros da imprensa disseram. Não houve coisa que não inventassem com o fim de caluniar, intrigar, enxovalhar e desacreditar trabalhadores que nada fizeram, que em nada daquilo comparticiparam. O *Imundo* à frente, assoprando ao clarim, vomitou tôdas as escorrências possíveis e inacreditaveis, chegando a afirmar, o impúdico, que os sindicalistas e anarquistas naquel seu acto revelavam nitidamente que estavam vendidos ao dinheiro dos monárquicos e ao oiro dos jesuitas!

E nesta sarabanda de infâmias, ninguém, que não bebesse nas ânforas democráticas, foi poupado. Os patifes mediam tudo pela mesma raza. S. M. era um martir. Os sindicalistas e os anarquistas, uns verdugos. Mas não fazia mal. A acção das justiças lá estava, serena e imperturbavel para condenar rigorosamente os «bandidos».

Efectivamente. Essa acção exerceu-se de tal forma, o atentado foi tam bem provado que alguns dos figurantes, que ninguêm conhecia como sindicalistas ou anarquistas, apanharam alguns mêses de cadeia... para se salvarem as aparências e tapar os olhos ao povinho ignorante, estúpido e crédulo...

Pois bem. Como já lá vão bastantes mêses sobre tal *gesto*, chamo agora a atenção dos camaradas para esta noticiazita inserta nos jornais desta cidade. Leiam e apreciem, que vale a pena:

«Casa-se, amanhã, o snr. Alberto Correia, que figurou no suposto atentado contra a vida do snr. Dr. Afonso Costa, na Praia das Maçãs. São testemunhas do acto, o snr. João Tudela, secretário do presidente do conselho, e dr. Germano Martins, director geral do ministério da justiça.»

Em face do exposto, vejam se êsse grotesco atentado não foi uma tôrpe comédia, ou mais, uma grande canalhice por banda das hostes democráticas.

E se os sindicalistas e os anarquistas não estivessem já completamente ilibados das culpas que nessa ocasião lhes foram atribuídas, a notícia que transcrevo era o suficiente para demonstrar tôda a hediondês e pouca vergonha de quem organizou tam misterioso atentado. Que farçantes!

VAZ.

Aos agentes e assinantes do Brasil e Africa

A todos aqueles que se encontram em atrazo com as suas contas, roga a administração desta gazeta que até ao fim do mês de fevereiro liquidem os seus débitos, pois a vida do jornal não é desafogada, devido à grande carestia do papel, impressão, etc. Espera a administração que o pedido seja tomado na devida consideração, pois do contrário, muito a seu pezar, ver-se-há forçada a suspender as remessas da «Aurora».